



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS DE TOCANTINÓPOLIS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

**MAYANE DE SOUSA PINHO**

**AUTISMO: UM RELATO AUTOBIOGRÁFICO DE UMA  
EXPERIÊNCIA DOCENTE**

TOCANTINÓPOLIS-TO  
2021

**MAYANE DE SOUSA PINHO**

**AUTISMO: UM RELATO AUTOBIOGRÁFICO DE UMA  
EXPERIÊNCIA DOCENTE**

Monografia avaliada e apresentada à UFT- Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Pedagogia, para obtenção do título de Licenciatura e aprovada em sua forma final pela Banca Examinadora.

Orientador: Felipe Ferreira Joaquim

TOCANTINÓPOLIS-TO  
2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

P654a Pinho, Mayane de Sousa.  
Autismo: um relato autobiográfico de uma experiência docente. / Mayane de Sousa Pinho. – Tocantinópolis, TO, 2021.  
41 f.  
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Tocantinópolis - Curso de Pedagogia, 2021.  
Orientador: Felipe Ferreira Joaquim  
1. Experiência . 2. História de vida. 3. Trajetória. 4. Autismo. I. Título

**CDD 370**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

**MAYANE DE SOUSA PINHO**

**AUTISMO: UM RELATO AUTOBIOGRÁFICO DE UMA EXPERIÊNCIA  
DOCENTE**

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis para obtenção do título de Pedagogia, sob orientação do Professor Felipe Ferreira Joaquim.

Data da aprovação: 20 / 04 / 2021

**BANCA EXAMINADORA**

*Felipe F. Joaquim*

---

Orientador: Prof. Dr. Felipe Ferreira Joaquim

*Janaina R. Rezende*

---

Profa. Dra. Janaina Ribeiro de Rezende

Dedico este trabalho a todos os profissionais da Educação Especial que buscam realizar em sua prática docente um trabalho com garra e dedicação.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado a vida, e me sustentar todos os dias com sua misericórdia e com seu infinito amor, por estar me concedendo a oportunidade de realizar este sonho, e por nunca deixar faltar ânimo para prosseguir.

Quero agradecer também aos meus familiares, amigos e colegas que de alguma forma ajudaram me dando força e apoio.

Sou grata a meu esposo pelo incentivo, paciência e compreensão demonstrada durante esta trajetória. Agradeço a meus pais Manoel Almir e Maria José que sempre estiveram ao meu lado me apoiando ao longo de todo meu caminho. Aos meus irmãos Mario Pinho, Alberto Pinho e Amilson Pinho pelo incentivo. Aos meus sogros Manoel Gilson e Diana Freitas que não mediram esforços para me ajudar nesta caminhada da vida acadêmica, sendo que durante esta jornada me tornei mãe e precisei da ajuda de várias pessoas que estavam ao meu redor.

Agradeço a minha amiga Gesileia Soares que também esteve ao meu lado me incentivando e dando todo apoio possível, a minha amiga Kassya Carvalho e tia Adriana que também fizeram parte desta história. A minha colega Valquíria que me deu um grande apoio quando meu filho ainda era um bebê. Aos meus colegas e amigos de trabalho da Escola Especial “Um passo Diferente” de Tocantinópolis, à diretora Licionina Maria que sempre fez questão de estimular todos os professores de sua equipe escolar a desenvolverem e participarem de trabalhos educacionais que contribuem para a formação profissional.

Um agradecimento em especial ao meu aluno Manoel Edney Gomes Lima, pois a partir da nossa vivência esse trabalho foi desenvolvido, me possibilitando uma grande aprendizagem, tanto para a minha vida acadêmica quanto para a minha vida profissional enquanto pedagoga. A todos os professores que fizeram parte da minha formação acadêmica, em especial ao meu orientador, professor Felipe Ferreira Joaquim pela orientação, atenção, paciência e, principalmente, pela confiança depositada em meu trabalho.

Um grande agradecimento a minha amiga Jessica Reis que sempre me ajudou a me manter firme. A minha ex-coordenadora pedagógica e amiga Marynalva Silva Abreu Reis pelo acolhimento, apoio e pelas dicas repassadas.

“Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos, para ser outra coisa para além do que vimos sendo”.

Jorge Larrosa e Walter Kohan

## **RESUMO**

Os trabalhos com narrativas biográficas fazem com que nos permitimos a observar as relações entre os processos de formação e as experiências pessoais com o ambiente social e cultural, nesse sentido este trabalho tem por finalidade apresentar a importância da trajetória com um estudante autista de grau severo, nível 3, para a minha formação enquanto pedagoga. Através de uma narrativa vivencial discorre-se como se deu a experiência com o meu trabalho enquanto professora. Apresenta-se a narrativa de escolarização por meio da metodologia de história de vida e formação profissional, a partir de um relato autobiográfico. Acrescenta-se também um breve relato sobre a história de vida do aluno autista, sua relação com a família e com a escola. Dessa maneira, com a exposição de lembranças que foram revividas e que deram vida a este estudo, espera-se adquirir uma melhor percepção sobre o que é autismo e que este trabalho contribua de alguma forma para outros professores que atuam nesta área da educação, que buscam mais saberes e práticas em suas carreiras docente.

**Palavras-chave:** História de vida. Trajetória. Formação. Autismo. Experiência.

## **ABSTRACT**

The works with biographical narratives allow us to observe the relationships between the training processes and personal experiences with the social and cultural environment. In this sense, this work aims to present the importance of the trajectory with a severe autistic student, level 3, for my training as a pedagogue. Through an experiential narrative, it is discussed how the experience with my work as a teacher took place. The schooling narrative is presented through the methodology of life history and professional training, based on an autobiographical account. There is also a brief account of the autistic student's life story, his relationship with his family and school. Thus, with the exhibition of memories that were revived and that gave life to this study, it is expected to acquire a better perception of what autism is and that this work will contribute in some way to other teachers who work in this area of education, who seek more knowledge and practices in their teaching careers.

**Keywords:** Life story. Trajectory. Training. Autism. Experience.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

<b>Figura 1 – AVA – Atividade de Vida Autônoma: higiene das mãos. ....</b>	<b>32</b>
<b>Figura 2 - Cortes de unhas sem a ajuda de outra pessoa.....</b>	<b>32</b>
<b>Figura 3 – Exercitando a coordenação motora grossa: arremessos de bola no cesto. ....</b>	<b>33</b>
<b>Figura 4 - Desenvolvendo a coordenação motora grossa: acertando a bola no cesto. ....</b>	<b>33</b>
<b>Figura 5 – Desenvolvendo as habilidades visomotoras: manuseando as letras do alfabeto. .....</b>	<b>33</b>
<b>Figura 6 – Trabalhando a coordenação motora fina e a concentração: momento de pintura. ....</b>	<b>33</b>
<b>Figura 7 – Atendendo comandos: passando por cima de uma fita.....</b>	<b>34</b>
<b>Figura 8 - Atendendo comandos: passando por baixo de uma fita. ....</b>	<b>34</b>
<b>Figura 9 – Desenvolvendo a atenção e concentração pegando as letras indicadas. ....</b>	<b>34</b>
<b>Figura 10 - Assimilando as cores. ....</b>	<b>34</b>
<b>Figura 11 - Interação social: culminância do projeto "AUTISMO". ....</b>	<b>Error! Bookmark not defined.</b>

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**DSM** - Manual de Diagnóstico e Estatística;

**APAE** - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais;

**TEA** – Transtorno do Espectro Autismo;

**OMS** – Organização Mundial da Saúde;

**CID** - Classificação Internacional De Doenças;

**DRE** – Diretoria Regional de Ensino;

**SUS** – Sistema Único de Saúde;

**BPC** – Benefício de prestação continuada;

**CIPTEA** – Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autismo.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	13
2 MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR, DA ENTRADA NO MAGISTÉRIO À FORMAÇÃO .....	14
3 AUTISMO: SUA ORIGEM, HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS .....	17
4 UM RELATO AUTOBIOGRAFICO DE UMA EXPERIÊNCIA DOCENTE.....	21
4.1 Arremesso da bola no cesto .....	24
4.2 Características da sala de aula e como funciona .....	25
4.3 Higiene pessoal: corte de unhas das mãos e dos pés.....	26
4.4 Importância de ter ministrado a oficina na APAE .....	28
4.5 Colocando a mão na comida do outro .....	29
4.6 Jogando lixo por cima do muro.....	30
4.7 A importância de apresentar na diretoria regional de ensino (DRE) o desenvolvimento do projeto “Autismo” executado dentro da escola especial um passo diferente .....	31
4.8 Evidências .....	32
5 HISTÓRIA DE VIDA MANOEL EDNEY .....	35
6 ÂMBITO ESCOLAR: ESCOLA ESPECIAL UM PASSO DIFERENTE APAE DE TOCANTINÓPOLIS. ....	37
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	39
REFERÊNCIAS .....	40

# 1 INTRODUÇÃO

As narrativas e memórias focalizam a reconstrução de histórias e proporcionam uma reflexão sobre os mais variados modos de vida, tanto pessoal quanto profissional, abrindo um leque de possibilidades para o estudo aprofundado sobre as culturas dos lugares, considerando a estreita relação entre o tempo, o espaço, a memória e a história.

Tratar da trajetória de escolarização e formação, utilizando como metodologia as narrativas vivenciadas e as memórias, promove uma reflexão sobre a vida escolar, pessoal e profissional e possibilita perceber o elo entre essas etapas da vida. Nesse sentido, esse trabalho tem como tema central a abordagem de uma experiência docente com um aluno autista, por meio de um relato autobiográfico.

Esse relato foi fundamental para responder ao seguinte questionamento: como a relação entre vivência e as práticas pedagógicas podem contribuir para a formação docente?

Assim, o presente trabalho tem por objetivo principal não mostrar o que o aluno autista é capaz ou não de aprender, mas sim apresentar como se deu a relação entre professora e aluno a partir de convivências cheias de descobertas e aprendizagens e que contribuiu para a minha formação enquanto pedagoga, uma vez que não tinha experiência nenhuma dentro desta área da educação.

Dessa forma, essa pesquisa se justifica porque ao ter contato com a área do autismo através de busca por conhecimentos passei a gostar do tema e a necessidade em conhecer e compreender meu aluno me fizeram mergulhar nesse assunto de forma prazerosa.

Com isso, pensando em aprofundar meus conhecimentos, fazer algo significativo para o aluno autista e sua família, e também contribuir para a carreira de outros professores da Educação Especial, resolvi desenvolver este trabalho para que seja explorado e compartilhado pelo público interessado e por você leitor, que de certa forma também é um transmissor de conhecimentos.

## **2 MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR, DA ENTRADA NO MAGISTÉRIO À FORMAÇÃO**

Iniciei aos 6 anos de idade na primeira série, na escola municipal Santos Dumont, localizada no interior de Buriticupu no Maranhão, numa vilinha que tem por nome 21 de maio. Na época era apenas uma casinha de barro bem simples e funcionava apenas de 1ª (1º ano) a 4ª série (5º ano), os professores eram autoritários, e ainda peguei os famosos “bolos” das palmatórias durante as aulas de matemática. Confesso que eu era bem competitiva, passava muito tempo estudando a tabuada com medo de pegar as boladas, que na verdade foi uma parte traumática dos meus estudos, não muito boa de ser lembrada.

As marcas da violência eram bem presentes na educação, a professora chamava duas crianças e colocava uma na frente da outra, na medida que a criança fosse errando as questões da tabuada a professora batia na mão com a palmatória, tinha que ser bom na matemática ou então se fosse cinco perguntas erradas eram cinco “bolos” de palmatória.

Com o passar dos anos a comunidade da vila 21 de Maio foi agraciada com a construção de uma escola, e então um avanço na educação, a escola que só funcionava de 1ª (1º ano) a 4ª série (5º ano), passaria a funcionar até a 8ª série, onde concluí todo meu fundamental.

Para a minha surpresa e de meus pais também, através de “lutas” do pessoal da comunidade novas conquistas foram alcançadas, o ensino médio também passaria a ser ministrado naquela mesma escola, mas somente o primeiro ano, o segundo e terceiro ano teria que ir para outra comunidade vizinha a uns 10 km.

Daí começou a preocupação dos meus pais, a filha ter que pegar transporte todos os dias saindo às 18:00 horas e chegando às 23:00 ou mais, isso quando o carro não dava problema na estrada. Na época chamávamos de “pau de arara”, que era o F-4000 com uma estrutura de cobertura por cima e uns bancos de madeiras encaixados no meio do carro onde os alunos não tinham muito conforto até a chegada na escola.

Ao concluir o primeiro ano na vila 21 de Maio, fui obrigada a ir para o povoado vizinho dar continuidade aos estudos. No entanto, ao finalizar o segundo ano meus pais acharam por bem que eu não continuasse com todo aquele sacrifício, pois como eram lavradores, sempre levavam eu e meus dois irmãos com eles para os serviços de roças. Meus pais tinham uma terrinha onde faziam suas plantações e criavam alguns animais, vacas, galinhas, porcos e capotes, e todos os dias às 4 horas da manhã nós levantávamos para ir para esta terra que ficava a uns 5 km da vila, passávamos o dia por lá e somente às 16:30 horas voltávamos para casa, fazíamos esse percurso todos os dias de carroça.

Com isso, meus pais perceberam o meu cansaço com toda aquela rotina e decidiram que eu passaria a morar com minha tia, em Tocantinópolis – TO, para concluir o ensino médio.

Ao concluir o ensino médio, em 2006, na escola estadual Jose Carneiro de Brito antigo (Padrão) em Tocantinópolis, retorno à vila 21 de Maio onde começo a fazer o magistério, o portal para ingressar verdadeiramente na educação. O desejado sonhado começa a se realizar, pois durante toda a minha infância o sonho de um dia ser professora era intenso, lembro que durante as brincadeiras com as colegas eu sempre era a professora.

Recordo bem quando iniciei o estágio nas salas de aula onde um dia tinha sido aluna, agora estava lá como professora, um orgulho ser chamada de tia pelos alunos. Ao terminar o magistério, em 2009, começo a trabalhar na EJA (Educação de Jovens e Adultos), na escola Padre Edmilson Sousa Freire em Buriticupu-Maranhão, meu primeiro trabalho aos 19 anos. Foi uma enorme felicidade, minha e de meus pais, que estavam orgulhosos da filha pois estava realizando seu sonho.

Entrar numa sala de aula onde a maioria dos alunos já eram senhores e senhoras que realmente estavam interessados em buscar conhecimento foi um privilégio e era uma satisfação estar ali mediando conhecimentos de uma forma bem tranquila. Porém, eu atuava em quatro salas de aula diferentes e somente uma sala de aula tinha essa tranquilidade, nas outras, a maioria era jovem que as outras escolas já não queriam mais e outros que estavam ali porque os pais obrigavam. Lembro-me bem, no momento da aula vários alunos usando drogas por trás da sala de aula e a fumaça entrando pela janela, a diretora por várias vezes tinha que acionar a polícia para fazer ronda pela escola. De acordo com Dominicé:

[...] a história de vida é outra maneira de considerar a educação. Já não se trata de aproximar a educação da vida, como nas perspectivas da educação nova ou da pedagogia ativa, mas de considerar a vida como o espaço de formação. A história de vida passa pela família. É marcada pela escola. Orienta-se para uma formação profissional, e em consequência beneficia de tempos de formação contínua. A educação é assim feita de momentos que só adquirem o seu sentido na história de uma vida. (1988, p. 140 apud Bueno p. 22 – 23)

Considero todos esses acontecimentos como um aprendizado para a vida, e poder contribuir com a educação orientando os educandos nos caminhos educacionais é sempre uma satisfação.

Trabalhei durante dois anos na escola, até concluir um curso técnico em agronegócios que fazia no período vespertino no IFMA - Instituto Federal do Maranhão em Buriticupu. Logo quando concluí o curso a vontade de ingressar em uma faculdade era grande, então resolvi

prestar o vestibular em Tocantinópolis – TO, cidade na qual conclui meu ensino Médio e passei a amar.

Ao passar no vestibular, em 2013, mudei de vez para Tocantinópolis, e continuei a morar com minha tia. Trabalhei por algum tempo como agente comunitário de saúde, mas a vontade de estar em uma sala de aula era maior. Me recordo bem no início da faculdade, ainda no primeiro período, quando um professor falou em sala de aula que a partir daquele momento nós acadêmicos passaríamos a ser outra pessoa, que nós não iríamos sair da faculdade sendo a mesma pessoa que entrou. E então fiquei com várias indagações: — “Como assim eu não vou ser a mesma pessoa?” Só agora ao final do curso consigo a resposta, pois não me vejo sendo aquela garota ingênua como era antes da faculdade, hoje tenho uma outra visão de mundo.

Nesse sentido, concordo com Dominice e Josso quando falam que “São consideradas experiências significativas aquelas que o autor da narrativa considera como constitutivas de sua formação, ou seja, aquelas que deixaram marcas formativas; que provocaram alguma mudança na sua maneira de pensar ou agir” (DOMINICÉ, 2010; JOSSO, 2004, 2010 Apud ALVES CALSA MORELI, 2015, p. 82).

Como afirmam os autores, considero como experiência todos esses acontecimentos, pois todos eles foram significativos e de certa maneira provocaram mudanças na minha forma de pensar e agir.

### **3 AUTISMO: SUA ORIGEM, HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS**

O termo autismo, amplamente utilizado para designar o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), tem sido bastante discutido atualmente. Mesmo com tantas pesquisas, ainda há lacunas. Trata-se de um transtorno neurológico que dificulta a comunicação e a interação social, e se desenvolve no indivíduo enquanto criança, sendo mais comum em meninos do que em meninas. Segundo os teóricos Williams e Wright (2008) e Mello (2003), apud Brande e Zanfalice (2012. p. 45) “Um distúrbio do desenvolvimento que normalmente surge nos primeiros três anos de vida e atinge a comunicação, a interação social, a imaginação e o comportamento, sendo uma condição que prossegue até a adolescência e vida adulta.”

De acordo com pesquisadores desta área, o autismo não tem cura, mas existem tratamentos e intervenções para reduzir o agravamento dentro do espectro do transtorno.

Diversos estudos científicos mostram que quanto mais precocemente a criança com TEA for encaminhada e avaliada de forma adequada, melhores poderão ser suas oportunidades de intervenção e de desenvolvimento. A intervenção precoce é fator fundamental na evolução de crianças com TEA. Este fato está diretamente relacionado à neuroplasticidade ao longo da primeira infância. Portanto, quanto mais precoce a intervenção, melhores os resultados para a criança e para sua família (KASARI et al., 2006; KELLEY et al., 2006, apud BRITO, 2017, P. 16).

Neste último artigo, a fonoaudióloga Maria Claudia Brito descreve estratégias de intervenção. Segundo as orientações da autora, quanto mais precoce a intervenção, melhor para o tratamento e desenvolvimento das habilidades da pessoa com autismo. Deste modo, ao se observar na criança características como: ausência da fala, estereotípias (repetição de movimentos ou fala de outros) na interação com os demais, falta de atenção e entendimento sobre assuntos variados, não direcionamento do olhar para o outro, aconselha-se pais e familiares a buscarem intervenção médica e o apoio de especialistas da área.

A avaliação e intervenção deve ser preferencialmente multiprofissional e interdisciplinar, em que fonoaudiólogo, psicólogo, médico, terapeuta ocupacional, psicopedagogo, professor/pedagogo e outros profissionais possam atuar conjuntamente. O diagnóstico formal (ou laudo médico) é emitido por profissionais médicos, geralmente neuropediatra e psiquiatra infantil. (BRITO, 2017, p. 17)

Dentro deste contexto, segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-V, o TEA está classificado em três níveis de gravidades: Grau leve (Nível 1), Grau moderado (Nível 2) e Grau severo (Nível 3). No nível 1 tem necessidade de pouco apoio, no nível 2 a necessidade de apoio é substancial e no nível 3 a necessidade de apoio é muito substancial.

O transtorno do espectro autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. (DSM-5, 2014, p.31)

Ao serem percebidas essas características, a busca por um tratamento deve ser imediata, para que se tenha um controle estável do transtorno. Sabemos que ainda não existe a cura, porém de acordo com as pesquisas, dependendo das características do indivíduo, pode se evitar um grau severo e manter um grau moderado ou mesmo leve.

Os primeiros sintomas do transtorno do espectro autista frequentemente envolvem atraso no desenvolvimento da linguagem, em geral acompanhado por ausência de interesse social ou interações sociais incomuns (p. ex., puxar as pessoas pela mão sem nenhuma tentativa de olhar para elas) padrões estranhos de brincadeiras (p. ex., carregar brinquedos, mas nunca brincar com eles), e padrões incomuns de comunicação (p. ex., conhecer o alfabeto, mas não responder ao próprio nome). (DSM-5, 2014, P.56)

De acordo com Lopes (2020), somente a partir de 1943 que o autismo passou a ser descrito como uma entidade diagnóstica diferenciada, pois a partir desse momento os pesquisadores passaram a dar atenção às novas características das crianças pesquisadas. Como os déficits na interação social e na comunicação, além da presença de comportamentos repetitivos e interesses restritos.

O que antes não era estudado com uma certa atenção pela comunidade acadêmica, a partir da década de 40 o estudo sobre o autismo passou a se basear nas teorias psicanalíticas ou seja, numa busca por explicações de certos fenômenos ou atitudes das crianças, passadas despercebidas ou ignoradas pela família.

O que não se sabe ao certo é como as famílias eram vistas antes ou a partir dessa data do processo histórico de estudo do Autismo. Porque, segundo Lopes (2020), a explicação que os estudiosos tinham para o autismo era que o comportamento ocorria pelo mau relacionamento mãe-filho, as mães na época passaram a ser vistas como frias, pouco amorosas e más. Uma

justificativa para a ação e atitudes dos filhos, em que pelo simples fato das mães não amarem seus filhos eles desenvolviam o autismo.

O pesquisador Bettelheim confirmou essa pesquisa depois de realizar um estudo de caso com três crianças, descrevendo os resultados no seu livro, “A fortaleza vazia”, publicado em 1967. Esse psicanalista conseguiu defender sua tese de que o autismo ocorre por questões emocionais, “a criança – por não se sentir amparada e acolhida por aqueles que com ela conviviam – optaria por habitar uma ‘fortaleza vazia’ e entregar-se a um estado de não existência” (Bettelheim, 1967, apud LOPES, 2020, p. 513).

De acordo com Silverman & Brosco:

Ao longo da história do autismo, houve uma superexposição dos familiares, com destaque para as mães. Cada informação, resposta e comportamento era utilizado como argumento a favor da compreensão de que as relações familiares eram a causa do fenômeno. Apesar desta ofensiva que articulou o autismo, maternidade e culpa, não tardou a resposta. Seja elaborando trabalhos acadêmicos ou contribuindo por meio do fornecimento de dados para pesquisa – ou mesmo o seu financiamento – e divulgação das terapias, cuja base era o saber empírico dos próprios familiares, mães e pais de autistas foram fundamentais para o questionamento das explicações psicogênicas sobre o autismo. (Silverman & Brosco, 2007, apud Lopes, 2020, p. 513).

A história antes encarava o autismo como algo causado pela culpa dos pais, somente com as pesquisas de Bernard Rimland, psicólogo e pai de uma criança autista, que conclui-se que o conceito e as causas reais do autismo eram orgânicas e não emocionais. Desde então, o marco histórico do Autismo passa a ser marcado pelas diversas tentativas das mães e pais de autistas se expressarem criticando as teorias da “mãe-geladeira”. Surgem na década de 1980 as primeiras associações em defesa dessas causas, com o objetivo de auxiliar os familiares, divulgar, compartilhar e produzir informações sobre o tema, realizando cobrança do Estado em efetivar ações acerca do assunto (LOPES, 2020).

Com isso, podemos perceber que atualmente já existe leis federais, Estaduais e Municipais voltadas para a pessoa com TEA, a lei 12.764/12 também conhecida como lei “Berenice Piana” em homenagem a uma mãe que, desde que recebeu o diagnóstico de seu filho, luta pelos direitos das pessoas com autismo. Esta lei criou a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, que determina o direito dos autistas a um diagnóstico precoce, tratamento, terapias e medicamento pelo (SUS) Sistema Único de Saúde; o acesso à educação e à proteção social; ao trabalho e a serviços que propiciem a igualdade de oportunidades.

Também temos a Lei 13.652 que estabelece o dia 02 de abril como dia nacional de conscientização sobre autismo, a Lei 13.370/2016 que reduz a jornada de trabalho de servidores

públicos com filhos autistas, a Lei 8.899/94 que Garante a gratuidade no transporte interestadual, a Lei 8.742/93 que garante o Benefício da Prestação Continuada (BPC), a Lei 13.977/20 também conhecida como lei Romeu Mion, que tem esse nome por causa do filho do apresentador de televisão Marcos Mion que tem transtorno do espectro autista. Esta lei estabelece a carteira de identificação da pessoa com TEA (CIPTEA), a lei 7.611/2011 que dar direito ao atendimento educacional especializado e a Lei 8.989/95 que Garante a isenção e dedução de impostos na compra do carro zero.

Dessa forma, podemos perceber que há um olhar das políticas públicas voltado para as pessoas com TEA, pois, no decorrer dos anos nota-se algumas evoluções com a criação das leis que para as famílias de pessoas com autismo é resultado de grandes lutas que se transformam em conquistas. Por outro lado, ainda há falhas para o que está disposto na lei seja praticado. Pois o que se pode perceber é que as filas são longas das pessoas que procuram o Sistema Único de Saúde para o tratamento da pessoa com autismo, tendo em vista que segundo a lei em seu artigo segundo, ela diz que as especificidades dos autistas devem ser respeitadas e que seja garantido o direito à saúde (SUS).

## 4 UM RELATO AUTOBIOGRAFICO DE UMA EXPERIÊNCIA DOCENTE

Minha experiência com aluno autista de grau severo nível 3 se deu a partir do momento em que me ofereceram a oportunidade de trabalhar na Escola Especial “Um passo Diferente” APAE de Tocantinópolis - Tocantins. No início tudo foi novidade, pois era um ambiente desconhecido para mim, logo na entrevista fiquei bem desanimada quando a diretora da instituição perguntou se eu já tinha experiência na Educação Especial, a qual respondi: – Não! Então o desânimo bateu achando que não iria dar certo o trabalho e que continuaria desempregada.

Para minha surpresa, a oportunidade foi concedida e através de suas orientações, juntamente com a da coordenadora, comecei a estudar e buscar por pessoas que já tinham experiência na área. Algumas pessoas contribuíram positivamente com determinadas orientações, no entanto, um dos relatos que ouvi me deixou bastante pensativa... de que as pessoas com autismo não têm capacidade de aprender atividades pedagógicas e atividades da vida autônoma, principalmente se já estiverem em idade avançada, e que eu ali não passaria de uma babá.

Diante deste comentário fiquei a me questionar, levando-me a refletir sobre tais relatos, e foi aí que comecei uma busca incessante por materiais para trabalhar com o meu atual aluno, pois não queria fazer papel apenas de babá, queria poder fazer algo mais para ajudar no desenvolvimento de Ney.

No entanto, pesquisas apontam que a pessoa com autismo é, sim, capaz de aprender, respeitando-se suas limitações, por meio de tratamentos adaptados às suas necessidades.

Nilsson (2003) afirma que é preciso usar algumas estratégias visuais, como: Programação diária individual, um sistema de trabalho individual, atividades adaptadas individualmente para o trabalho independente, obrigações diárias apresentadas visualmente, atividades recreativas e atividades motoras, dando suporte adicional com a orientação visual do modo como a sala é mobiliada e usada. (NILSSON, 2003, p. 26, apud BOETTGER, LOURENÇO, CAPELLINI, 2013, p. 387-388).

Passado meu primeiro ano de trabalho, me deparo com outra surpresa, no ano seguinte fui comunicada que iria continuar o trabalho com o mesmo aluno, foi gratificante pois pude sentir naquele momento que se eu iria continuar com o trabalho era um sinal de que de certa forma estava fazendo a diferença. Não que o aluno tenha aprendido a ler e escrever, ao contrário, a educação não é somente isso dentro da Educação Especial, trabalhamos de forma diferenciada

onde encontramos valor nos mínimos aprendizados possíveis como: se o aluno não tem o hábito de manter a higiene pessoal e a partir de determinado tempo com intervenções do professor passa a adotar esses métodos, isso para nós da Educação Especial é um grande avanço educacional.

Porém, este trabalho não tem a finalidade de provar tal hipótese, do que o Ney é capaz ou não de fazer, mas sim registrar e compartilhar a minha experiência vivenciada com meu aluno autista, do qual tenho muito carinho e respeito o valor da nossa trajetória dentro do ambiente escolar, pois a nossa convivência me fez abrir a mente para outros sentidos da vida.

Confesso que no início era angustiante ver meu aluno sem produzir tarefas quando trabalhava algum conceito ou atividade, porque ele não conseguia se concentrar por muito tempo para realizar atividades de modo autônomo ou mesmo quando recebia orientação. Então fui conhecendo outros métodos que de certa forma contribuíram para o ensino aprendizagem do aluno.

Acabei gostando bastante da área do autismo e como acadêmica do curso de pedagogia, resolvi elaborar meu trabalho de conclusão de curso baseado na minha experiência com meu aluno, e sob a orientação do Professor Felipe Joaquim da Universidade Federal do Tocantins, resolvi relatar de forma narrada a importância dessa experiência para a minha formação enquanto pedagoga.

Falar do relato, então, dessa perspectiva, não remete apenas a uma disposição de acontecimentos-históricos ou ficcionais- numa ordem sequencial, a uma exercitação mimética daquilo que constituiria primariamente o registro da ação humana, com suas lógicas, personagens, tensões e alternativas. (ARFUCH, 2010, P.112)

Partindo desta citação, percebo a seriedade em narrar a minha vivência com Ney, a nossa relação no ambiente escolar, uma vez que sempre desejei fazer algo que pudesse contribuir para a sua vida, e imagino que irá contribuir de alguma forma também para outros professores que estão ingressando na educação especial. Pois como Leonor Arfuch ressalta em seu livro, o 'Espaço Biográfico' "Contamos histórias porque afinal de contas as vidas humanas precisam e merecem ser contadas". (RICOER apud ARFUCH, 2010, P.111)

Não é porque o Ney tem uma deficiência que será uma pessoa insignificante, a história dele é tão importante quanto a história das outras pessoas, e de acordo com a autora merece ser contada pois é uma história de vida.

Não é simplesmente narrar a história de uma vida, e sim dar sentido a essa vida que está sendo exposta, pois por trás desta história há um objetivo que busca essência, conforme

reforça Arfuch (2010, p. 42), ao afirmar que “Contar a história de uma vida é dar vida a essa história” e que “A vivência, pensada, então, como unidade de uma totalidade de sentido em que intervém uma dimensão intencional, é algo que se destaca do fluxo do que desaparece na corrente da vida.” (ARFUCH, 2010, p.20)

Diante disto, o que se pode perceber é que a experiência de vida que nos marca é algo valioso, e que ao longo do tempo elas vão se perdendo, vivemos em rotina onde não podemos parar e assim não nos damos conta da preciosidade que foi durante o caminho percorrido. Então, porque não parar um pouco e registrar essa vivência? Para que não desapareça na corrente da vida.

Durante a minha formação enquanto pedagoga, percebo a importância da minha experiência profissional na função de educadora com aluno autista, e foi por meio desta prática que pude ver que o valor não está apenas no resultado, mas sim nos acontecimentos durante a vivência.

Na busca de me encontrar nos caminhos educacionais como tão sonhados, eis que surge durante minha carreira acadêmica a oportunidade de trabalhar na educação, uma decisão delicada, pois teria que atuar na escola de educação especial APAE de Tocantinópolis com aluno autista, uma vez que não tinha nenhuma experiência na área. O medo de não conseguir era intenso, mas, é como Jorge Larrosa cita:

O sujeito da experiência corre o perigo de se indignar, ou seja, não se conformar com a situação posta, buscando sempre respostas a suas indagações, nunca se acomodando. Portanto, experiência não é prática, pois nem sempre está sensível e reflexiva ao momento vivido. Explicita o autor: É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada a toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre (Larrosa, 2010, p. 25).

E foi me permitindo a esses acontecimentos que pude passar por essa experiência, as inquietações, a busca para tentar entender de que forma seria a minha atuação dentro de sala de aula, a convivência com o novo, com o diferente, com o desconhecido. Conforme Freire:

Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar. Se discrimino o menino ou menina pobre, a menina ou o menino negro, o menino índio, a menina rica; se discrimino a mulher, a camponesa, a operária, não posso, evidentemente, escutá-las e, se não as escuto, não posso falar com eles, mas a eles, de cima para baixo. Sobretudo, me proíbo entendê-los. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me a escutá-lo ou escutá-la. (Freire, 1997, p. 136 apud SILVA, 2018, p. 113).

Ao conhecer o Ney eu não sabia como reagir, não sabia lidar com a situação posta, então fui aperfeiçoando minhas leituras sobre o autismo, assistindo vídeos, participando de palestras e conversando com outros professores já experientes na área para tentar me organizar. O problema é que iam surgindo várias indagações que deixavam a minha mente um pouco bagunçada, então resolvi esquematizar uma forma de trabalhar com ele, e aos poucos foi se mostrando aquilo que eu não via nas palestras e nem nas leituras que eu fazia. Somente depois da nossa convivência eu pude reconhecer o Ney e não o autista do qual me falavam. As questões iam surgindo e perturbando minha '*tranquilidade formativa*' (Ribetto, 2012), e me fizeram pensar os problemas como potência de reflexão na própria prática. E, assim, fui desenhando uma forma de trabalhar com ele. Ele foi me apresentando aquilo que eu não lia nos livros e nem nas palestras. (SILVA, 2018 p. 115)

Com isso, compartilharei alguns acontecimentos preciosos de minha trajetória com Ney, algumas metodologias utilizadas com o objetivo de auxiliar no processo de ensino-aprendizagem deste aluno.

Posso dizer que é um desafio fazer com que os autistas tenham interação no meio social, por outro lado, através de uma rotina elaborada e seguida, com um certo tempo, a médio ou longo prazo ensinado de forma comprometida com suas instruções, um autista consegue se adequar e interagir no seu contexto familiar, social e educacional.

Neste sentido, podemos perceber que para se alcançar os objetivos planejados é preciso dedicação, compromisso e paciência, pois os autistas têm potencialidades para ir além dentro de sua especificidade. Desta forma devemos ensinar um autista de várias maneiras, pois assim, ele conseguirá novas atitudes e aprendizagens.

#### **4.1 Arremesso da bola no cesto**

Esta é uma das atividades que utilizo com o objetivo de trabalhar a coordenação motora e raciocínio lógico do Ney. Os materiais que utilizamos é uma bola de revista velha amassada e um cesto de lixo.

Ao iniciar a atividade sempre faço primeiro a demonstração de como fazer, é a questão da imitação. Primeiro começo falando o que vai acontecer e já vou montando o cenário, pego o cesto de lixo coloco a uma certa distância e jogo a bola para cair dentro.

O interessante nesta atividade, é que a primeira vez que fomos fazer, quando eu joguei a bola não acertei de primeira dentro do cesto, e o Ney apenas me olhou, fiquei um pouco sem

graça, ou melhor dizendo, envergonhada, pensando como posso ter errado uma bola no cesto daquela distância? E então repeti novamente para o aluno ver, foi aí que acertei.

Então falei para o aluno que era a sua vez, e comecei a chamá-lo, “vamos Ney é a sua vez, venha pegar a bola e jogar no cesto”. Cada vez que ele demorava eu repetia a ação, até que depois de várias insistências ele resolveu, pegou a bola e jogou, acertou de primeira dentro do cesto, então falei para ele que estava melhor que sua professora.

Repetiu a atividade por umas três vezes e logo não quis mais saber, começou a se irritar, então percebi que estava na hora de dar um tempinho para ele, se eu quisesse que ele interagisse em outra atividade oferecida naquele dia.

Ney quando não quer fazer as atividades oferecidas fica agitado, se ficar insistindo para ele fazer, começa logo a fazer um som de grito, bater nas coisas, tira as sandálias e fica tentando tirar toda a roupa, então quando se encontra neste estágio prefiro respeitar seus momentos e deixar que se acalme, pois só assim conseguirei realizar alguma atividade com ele, com “[...] a certeza de que, quando não se sabe, aprende-se e, quando se acha que sabe, também se erra e se aprende de outro jeito.” (SILVA, 2018, p. 123).

Portanto, é preciso ter muita paciência e muita repetição com as atividades, pois nem sempre o aluno aceita fazer, é através de muita insistência, respeitando seus limites, que se pode conseguir algum avanço, nem sempre consegui realizar as atividades planejadas, mas com uma sequência e motivação através de materiais concretos facilita a aceitação do aluno.

## **4.2 Características da sala de aula e como funciona**

Todas as tardes eu me encontro com meu aluno na APAE. Ney ao entrar na sala de aula já vai deitando em seu cantinho de rotina, que fica próximo à minha mesa, apesar da sua cadeira estar sempre ali à sua espera, ele prefere primeiramente deitar ao chão.

A sala é grande e ao mesmo tempo se torna pequena, tem uma divisória ao meio que forma outra sala, e então fica uma turma de alunos na primeira sala e duas turmas na outra, onde uma das turmas é a minha, eu com um aluno e minha colega com 5. Dois de seus alunos também são autistas, mas não tem o mesmo comportamento que o Ney, são bem mais calmos.

Ficam várias cadeiras na sala, em cada canto um arquivo onde os professores guardam suas coisas, e um armário de portas já bem amassadas onde o Ney bate quando se encontra agitado. O aparelho de ar condicionado não esfria os dois compartimentos, então fazemos uso de dois ventiladores que ficam nas paredes de cada sala.

Como são três turmas bem próximas e cada professora quer ministrar sua aula, fica um barulho só, sem falar nos alunos que falam alto e no ventilador da outra sala que faz um barulho contínuo, zuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuum... Certo dia, no retorno das aulas fui fazer uma leitura para o Ney como de costume, e então sentei ao chão ali próximo dele e comecei a leitura, foi quando me deparei que as outras professoras também estavam explanando suas aulas e o bendito ventilador ligado. Então olhei para o Ney e aumentei o tom de voz e fui chegando cada vez mais próximo, e quando percebi já estava bem juntinho dele, Ney olhou para mim com uma cara de quem diz: “Vai sentar em minhas pernas mesmo?” No momento até dei uma leve risada, mas enfim, eu queria terminar a leitura, e continuei a ler, no entanto, Ney não estava mais afim, e com toda aquela zoada saiu de perto de mim.

Algumas características da nossa sala de aula não são apropriadas para os nossos alunos autistas, o barulho, as grandes quantidades de informações nas paredes e o pouco espaço. Porém, é a escola que temos e nem por isso deixamos de trabalhar nossas aulas e nos dedicamos aos nossos alunos. Temos um sonho, na escola, que na verdade é um sonho de todos, de termos um espaço maior para os alunos e a construção das salas para os autistas. Suplino (2005) aponta que:

a pessoa com autismo deve ser tratada como qualquer outra pessoa, que todos podem aprender e que a família deve participar do processo de aprendizagem. O educador deve ensinar com entusiasmo, o tom de voz e a linguagem usada com o aluno devem ser o mais natural possível, as habilidades do aluno devem ser mais enfatizadas que suas fraquezas, a atenção do aluno deve ser garantida antes de ser dada uma ordem ou fazer um pedido, as ordens dadas devem ser claras e indispensáveis, as ordens não devem ser repetidas mais de duas vezes antes que o aluno processe a informação recebida, deve ser dado tempo suficiente para a resposta do aluno, o educador deve manter-se calmo e interagir como um amigo com seu aluno, elogios devem ser descritivos, ajudas físicas devem ser evitadas de forma a dar ao aluno a oportunidade de fazer sozinho, os interesses do aluno devem ser aproveitados para ensino de novas habilidades. (SUPLINO, 2005, p. 388, apud BOETTGER, LOURENÇO, CAPELLINI, 2013, p. 388).

#### **4.3 Higiene pessoal: corte de unhas das mãos e dos pés**

Esta ação é realizada todas as terças-feiras no horário da aula de ciências, pois as unhas de Ney crescem muito rápido, e com o intuito de desenvolver hábitos de higiene pessoal, decidi realizar esta ação com o mesmo. Também pelo fato de trabalhar diretamente segurando nas mãos dele, pois não tem coordenação motora para realizar atividades sem a ajuda de um mediador.

Todos na escola sabem que ele fica totalmente sem roupas em sua casa, e quando quer fazer suas necessidades realiza em qualquer lugar que estiver e pega suas fezes com as mãos e

passa onde quiser. Com isso, quando ele coloca a mão na comida de alguém, a pessoa não come, assim como também já observei dentro da escola que algumas pessoas têm receio de pegar nas mãos do aluno para cumprimentá-lo.

Diante destes fatores, resolvi trabalhar a sua higiene de forma mais minuciosa dentro da escola, além de cortar as unhas e fazer a higiene nas mãos sempre que necessário, faço uso de álcool em gel nas mãos do mesmo.

As primeiras vezes que tentei realizar o corte das unhas do aluno, ele não deixou de forma alguma. Primeiramente fiz uma conversa explicando para ele a importância de realizar o corte das unhas e mantê-las sempre limpas, mesmo sabendo que o aluno tem dificuldades em entender tudo o que falamos, sempre ao começar qualquer ação ou atividade com ele, explico o que vai acontecer.

Então, em seu momento de tranquilidade, sentado em seu cantinho de rotina dentro da sala de aula, sentei ao seu lado e pedi para colocar a sua mão em cima da minha e ele colocou, mas no momento em que eu tentava encostar o cortador de unhas ou a tesourinha ele puxava a mão, e as vezes levantava e saía para outro lugar da sala. Como naquele momento percebi que não deixaria realizar o corte das unhas das mãos, falei para ele que tudo bem, depois iríamos cortar, e então vamos cortar as unhas dos pés? Nossa, foi muito rápido, ele colocou os pés em cima das minhas pernas. Nesse momento eu já tinha sentado novamente ao seu lado no chão. E ao me deparar com aqueles pés com as unhas grandes e um cheirinho de que usou sapatos meio molhados, me deixou pensativa.... No entanto, deixei todos aqueles pensamentos de lado e prossegui com meu planejamento, e assim consegui cortar todas as suas unhas dos pés com tranquilidade.

Ao terminar, tentei novamente fazer o corte das unhas das mãos e novamente não deixou, foi aí que chamei o motorista da escola para segurar suas mãos enquanto eu realizava a ação, a cada unha que eu cortava eu ia falando para ele que não doía nada, que era rápido e que já estava encerrando. Ney soqueava, puxava a mão e fazendo um som de grito onde toda a escola escutava, e eu já suada com medo de cortar não somente a unha dele e sim de machucá-lo também, mesmo assim consegui cortar suas unhas, e em seguida fizemos a higiene com sabonete e álcool em gel.

No entanto, essa resistência foi apenas no começo, hoje em dia consigo realizar o corte de unhas do aluno sozinha, tanto dos pés quanto das mãos. Dependendo de como está seu estado, eu corto uma unha depois corto outra e assim até finalizar todas.

#### **4.4 Importância de ter ministrado a oficina na APAE**

Um dos momentos que me senti mais valorizada foi quando a diretora da escola convocou a minha pessoa com mais duas colegas para ministrar uma oficina sobre autismo para o pessoal da escola em que trabalhamos, juntamente com escolas das cidades de Estreito e Nazaré.

No início fiquei bastante preocupada, sem saber como fazer, principalmente quando a outra colega tirou uma licença e disse que talvez não pudesse ministrar a oficina conosco. A preocupação só aumentou, e ficava nervosa só de pensar no momento da apresentação, imaginando uma multidão de olhares voltados todos para mim, dava logo um frio na barriga e uma suadeira nas mãos.

No entanto, comecei a pesquisar uma porção de conteúdos sobre autismo, e elaborei logo uns slides, achando que estava uma maravilha, mostrei para a minha colega que também ia apresentar e ela também achou uma maravilha, e fiquei toda empolgada, já estava até confiante, então pensei, vou mostrar para meu professor orientador de TCC para me dar uma sugestão sobre a oficina e os slides. Quando mostrei não precisou olhar muito, logo percebeu que estava exagerado fugindo do objetivo de uma oficina. Com isso, ele me passou algumas orientações e fui novamente fazer novas pesquisas, logo depois conversei também com a coordenadora que também passou várias orientações e nos deu bastante apoio.

Ao se aproximar o dia da apresentação, a colega que havia entrado de licença retornou, e então nos juntamos as três e fomos montando as ideias, resolvemos que cada uma iria falar do seu projeto voltado para trabalhar com seus alunos autistas e dos materiais pedagógicos utilizados em sala de aula no processo de ensino aprendizagem.

Para a nossa surpresa, o pessoal de Estreito não pode comparecer, nem mesmo os de Nazaré, foi apenas o pessoal da nossa escola que compareceu. O evento início com a fala da escritora Maria da Consolação Brito, que explanou muito bem sobre autismo, e em seguida deu continuidade com as nossas apresentações.

Confesso que fiquei bastante nervosa, assim como eu imaginava, as mãos suando, respiração alta e o coração acelerado, comecei a falar muito rápido e fiquei ofegante, tentei usar umas estratégias que aprendi na faculdade no momento de apresentar seminário, mas não deu muito certo, apenas a caneta que consegui ficar com ela na mão e que, no entanto, estava para quebrá-la ao meio de tanto colocar força. Não consigo explicar como fiquei tão nervosa naquele momento, se eu já tinha hábitos de apresentar trabalhos na faculdade e não ficava tão nervosa como fiquei naquela oficina.

Todos em silêncio olhando para mim, professores, coordenadores, secretária e a diretora, os olhos fixos em mim, “eu pensava, será que estão prestando atenção no que estou falando ou observando o tamanho do meu nervosismo?”

Posso dizer que foi uma experiência muito boa enquanto professora, pois me senti bem valorizada, não só eu como as outras colegas também, pois a nossa diretora poderia muito bem convidar pessoas de outro lugar para ministrar essa oficina sobre autismo dentro da escola, e não, ela apontou nosso trabalho como um destaque no desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem dos alunos. E assim nos dando oportunidade de adquirir mais experiência dentro da nossa área de ensino.

#### **4.5 Colocando a mão na comida do outro**

Ney gosta muito de comer, não somente na hora do lanche, como a todo momento que encontrar comida ele pega e come. No entanto, quando chega a hora do lanche todos ficam apreensivos imaginando que a qualquer momento ele pode chegar de surpresa e colocar a mão dentro da comida e carregar consigo.

A hora do lanche é das 15:00 hs as 15:30 hs, e durante 15 minutos fico acompanhando-o para que não pratique essa atitude, e só depois saio para lanchar também, mesmo que tenha terminado de lanchar, ele fica sempre à procura de mais alguma coisa, e então se as pessoas não ficarem de cuidado com seu lanche observando atentamente, ele coloca a mão com muita rapidez dentro do prato ou de qualquer outra vasilha que estiver na mão com lanche, carrega e come.

Se for alimento que não precisa de pratos como cachorro quente, tapioca, bolo entre outros, ele pega da mesma forma, chega de mansinho como se não quisesse nada e já vai pegando de supetão, com uma agilidade que só ele sabe fazer, nessa questão ele é muito ágil, tem alunos que ficam chateados com essa atitude dele, como é o caso do aluno Francisco que também é autista, e quando Ney pega sua comida ele começa logo a falar alto. – Não Ney, não Ney, pega não. No entanto, é em vão suas palavras.

Em alguns momentos quando ele pratica essa atitude, se for algum alimento que ele não queira, pega apenas, cheira e joga fora.

Alguns professores ficam receosos quando Ney coloca sua mão dentro do seu prato, e não comem mais o que ficou. Mesmo sendo feito a higiene das mãos do aluno, preferem não continuar, até mesmo para manter a sua própria higiene.

#### 4.6 Jogando lixo por cima do muro

A maioria das vezes quando Ney está andando pelo pátio da escola, fica à procura de lixo para jogar por cima do muro da escola, até mesmo pedras ou pedaços de pau, se encontrar fácil pega e joga por cima.

Independentemente do que está do outro lado do muro, ele pega pedra ou qualquer outro objeto e joga em cima, carro ou moto, até porque tem um dos lados do muro que não dá para ver o que está por trás. No entanto, em partes tem uma grade e neste lado dá para ver tudo que está do lado de fora, e mesmo vendo os carros e motos ele joga, não importa se o objeto que vai jogar caia em cima dos carros ou não.

Sempre quando percebo que tem algo na mão e que vai andando rumo ao muro, corro atrás dele para pegar e se ele percebe que estou indo ao seu rumo ele corre também.

Um episódio que nunca esqueço foi quando eu estava grávida, no momento do intervalo percebi que estava com um objeto na mão e então com medo de ser uma pedra e ele jogar em cima do carro de alguém, como já aconteceu, resolvi tomar de sua mão, então ele puxou a mão e não consegui tomar, ele começou a correr e tentei correr atrás dele para que não jogasse, e nesse momento tropecei e cai de barriga no chão, foi um susto muito grande para mim e para todos na escola, pois no estado em que eu estava imaginava que poderia acontecer o pior que era perder o bebê.

No entanto foi mesmo só um susto, com a criança estava tudo bem, ralei a barriga e os joelhos de leve, apenas um dos braços ficou a cicatriz que ainda hoje tenho. Ainda bem que foi numa sexta-feira e passei o final de semana de repouso e também sem ver os colegas porque eu fiquei morrendo de vergonha de toda aquela cena. Nossa... quando lembro... eu caída no chão e logo todos os funcionários da escola chegaram ali olhando, ainda bem que o motorista me levantou muito rápido e poucos viram eu caída ao chão.

Com isso, passei um tempão sem correr atrás dele, todas as vezes lembrava da queda e saía andando apenas, chamando-o e pedindo para não jogar o lixo. Algumas vezes ele atende, no entanto, é sempre raro, o costume mesmo é de jogar.

A cada período passado com Ney, a cada atividade desenvolvida, era uma aprendizagem para ambos principalmente para mim, e através desses momentos pude perceber que não existe uma metodologia de ensino exclusiva para auxiliar no processo de ensino aprendizagem de alunos com TEA, pois cada um tem suas particularidades, mesmo tendo a mesma classificação leve, médio ou severo.

#### **4.7 A importância de apresentar na diretoria regional de ensino (DRE) o desenvolvimento do projeto “Autismo” executado dentro da escola especial um passo diferente**

O projeto sobre autismo desenvolvido dentro da Escola Especial Um Passo Diferente – APAE, é fruto de um trabalho das professoras Maria da Consolação, Iolanda, Odalia e Mayane Pinho. O projeto partiu da importância de trabalhar as atividades pedagógicas e atividades da vida diária com alunos autistas de grau severo nível 3. Com isso, buscamos metodologias diversificadas, trabalhando com materiais pedagógicos concretos possibilitando o desenvolvimento do ensino aprendizagem dos alunos juntamente com sua autonomia. Tendo como principal objetivo: Desenvolver e promover avanços significativos na aprendizagem dos educandos.

O projeto foi inscrito em um programa da educação “quem educa faz”, e a minha pessoa foi a sorteada para apresentar o projeto na Diretoria Regional de Educação – DRE. Onde foram dois dias de muita troca de conhecimentos entre escolas de rede municipais e estadual, juntamente com palestrantes e ouvintes da Universidade Federal do Tocantins – UFT.

Quando fui informada que iria apresentar o projeto para uma grande plateia, passaram-se tantas coisas pela minha cabeça, fiquei preocupada e ao mesmo tempo nervosa, e pensativa também, imaginando que em meio a tantas colegas capacitadas para aquela apresentação lá estava eu, recebendo uma oportunidade para ser uma delas. E fiquei feliz também, pelo fato do nosso trabalho estar sendo valorizado.

Foi muita tensão até o momento da apresentação, fui orientada por uma das coordenadoras do evento, e até fiz ensaio da apresentação para ela juntamente com a técnica da educação especial e a nossa coordenadora da escola Waldecy Milhomens, pois o tempo iria ser cronometrado, só tínhamos 10 minutos para a apresentação de cada projeto, como eram muitas escolas não podia passar do tempo estipulado pela organização do evento. Tudo foi calculado para que todas as escolas inscritas apresentassem.

Duas professoras da minha escola foram sorteadas para participarem do evento apenas como ouvinte, juntamente com a nossa diretora e a coordenadora, que me deram total apoio.

No momento da apresentação fiquei nervosa é claro, mas tentei disfarçar o máximo possível, como fiquei bastante ofegante, a todo momento eu afastava o microfone um pouquinho e dava aquela respirada, para a minha surpresa deu tudo certo, terminei dentro do prazo das apresentações e segundo minhas colegas que estavam na torcida não demostrei nervosismo.

Fiquei toda empolgada, e emocionada também, ao final da minha apresentação a cerimonialista chamou para que eu e as duas colegas Diana Setuva e Odalia Moraes recebessem uma homenagem de professoras destaque do ano de 2019, ao ouvir todas aquelas palavras não teve como segurar as lágrimas, e deixei cair uma a uma, não de tristeza e sim de felicidade que estava transbordando meu coração naquele momento.

Assim, posso destacar como uma experiência inesquecível e de grande riqueza para a minha formação enquanto pedagoga, pois percebo que o conhecimento se dá a partir do momento em que nos permitimos a novos experimentos.

#### 4.8 Evidências

**Figura 1 – AVA – Atividade de Vida Autônoma: higiene das mãos.**



Fonte: Arquivo pessoal

**Figura 2 - Cortes de unhas sem a ajuda de outra pessoa.**



Fonte: Arquivo pessoal

**Figura 3 – Exercitando a coordenação motora grossa: arremessos de bola no cesto.**



Fonte: Arquivo pessoal

**Figura 4 - Desenvolvendo a coordenação motora grossa: acertando a bola no cesto.**



Fonte: Arquivo pessoal

**Figura 5 – Desenvolvendo as habilidades visomotoras: manuseando as letras do alfabeto.**



Fonte: Arquivo pessoal

**Figura 6 – Trabalhando a coordenação motora fina e a concentração: momento de pintura.**



Fonte: Arquivo pessoal

**Figura 7 – Atendendo comandos: passando por cima de uma fita.**



Fonte: Arquivo pessoal

**Figura 8 - Atendendo comandos: passando por baixo de uma fita.**



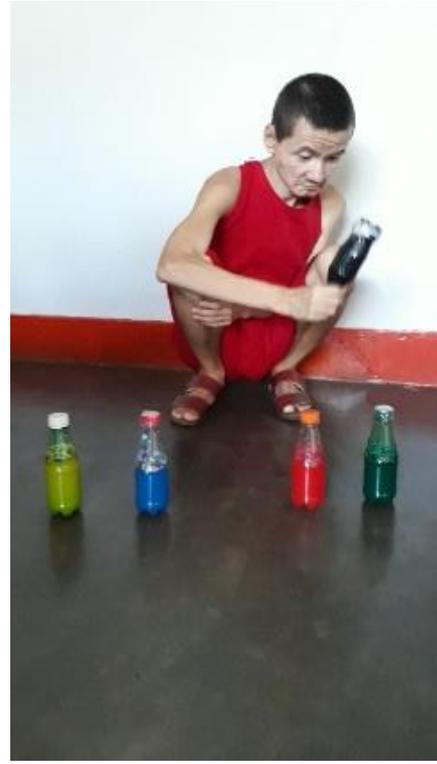
Fonte: Arquivo pessoal

**Figura 9 – Desenvolvendo a atenção e concentração pegando as letras indicadas.**



Fonte: Arquivo pessoal

**Figura 10 - Assimilando as cores.**



Fonte: Arquivo pessoal

## 5 HISTÓRIA DE VIDA MANOEL EDNEY

Nascido em Tocantinópolis, aparentemente um bebê normal, a família só conseguiu identificar diferenças a partir dos dois anos de idade, quando não apresentou a fala e nem andou, então a família procurou ajuda de médicos por várias cidades. Depois de algum tempo, um dos médicos que fez o acompanhamento do Bebê afirmou que a criança não iria desenvolver a fala. A família ao receber a notícia buscou ajuda de especialistas diferentes para descobrir o problema do filho e então foi diagnosticado com a síndrome do autismo com o CID- 10, F.72, denominado por autismo severo. O CID10 é a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a saúde, e fornece códigos referentes à classificação de doenças e de uma grande variedade de sintomas, queixas e causas externas para ferimentos ou doenças

Através de uma visita realizada na residência do aluno, a sua irmã adotiva relatou um pouco da história de vida do mesmo, destacando que sua mãe o adotou com poucos meses de vida, a mãe biológica de Manoel Edney tinha 13 anos de idade quando engravidou de seu tio, enquanto gestante apanhou de sua mãe e nesse mesmo dia teve bebê. A mãe adotiva de Ney, ao saber que a mãe biológica iria dar a criança resolveu adotá-lo. Depois de seus 8 filhos criados, dona Maria Gomes resolve criar mais uma criança.

Morador da cidade de Aguiarnópolis, Ney vai crescendo ao lado de seus pais adotivos, após os dez anos de idade é que começa a andar, uma criança ativa e brincalhona, sempre ao lado de seu pai ajudando nos afazeres do dia a dia, colocava alimentos para os animais que ali criavam e gostava de pregar peças com a vizinhança. Logo após a morte de seu pai, sua família resolve mudar para a cidade de Tocantinópolis- TO, onde Ney sente bastante a falta de seu pai e não tem mais a mesma rotina de antes, passa apenas a ajudar sua mãe em casa, “através de alguns comandos ele pega alguma coisa”. Assim cita sua irmã.

Sua irmã também revela que Ney gostava de dançar, “as vezes quando tinha festa na praça do Dolores nós íamos para lá e ele dançava era muito, hoje não dança mais.” Relata que ele sempre foi uma pessoa ativa, apesar de não se comunicar através da fala ele compreende várias coisas do que se fala para ele, disse que não lembra se já viu ele chorando de tristeza por algum acontecimento nem mesmo quando seu pai chegou a falecer. Falou que tem dias que ele se encontra bastante agitado batendo nas coisas ao seu redor, já chegou a quebrar o vidro de uma janela através de uma batida com a mão.

Sua mãe hoje se encontra idosa, com seus 89 anos, e não dá mais conta de cuidar dele. Ela precisa de cuidados também, então a família paga uma pessoa para ajudar nos cuidados com

os dois durante o dia, e no período da noite eles se revezam para que não fiquem só, sua irmã cita que apesar dos remédios que Ney toma, tem noites que não dorme direito, bate muito nas coisas e faz um som de grito. Quando se encontra nessas circunstâncias os familiares o colocam dentro de um quarto até que ele possa se acalmar, dentro deste quarto não fica nada dentro, somente um ventilador de parede que fica numa certa altura onde ele não possa alcançar. As vezes nesse intervalo dentro do quarto ele faz suas necessidades ao chão e somente depois uma pessoa entra para fazer a limpeza.

Segundo sua irmã, Ney costuma ficar sem roupas dentro de casa, quando veste alguma roupa nele ele fica puxando até tirar, se não conseguir ele rasga, mesmo sendo roupas específicas, que é um tipo de macacão com zíper atrás que seus familiares mandam fazer.

Conversamos também um pouco com a mãe adotiva de Ney. Já bem debilitada, fala com um imenso amor e carinho do filho. diz que seu maior medo é morrer e deixá-lo sozinho. Deixou claro que tem maior satisfação do filho estudar na APAE e estar com pessoas que gostam dele. Segundo ela, Ney também gosta de estar lá, fala que no horário que é para o ônibus da escola passar ele já fica no portão aguardando, quando é final de semana ele fica zangado porque o ônibus não passou.

Na escola participa do convívio escolar com os colegas e funcionários, claro que as vezes surpreende e em seu momento de tranquilidade permite que a professora pegue em sua mão para a elaboração de pinturas com lápis de cor e tinta guache ou colagem, e até mesmo realizar alguns movimentos do corpo, como alongamento dos membros.

A casa onde mora apresenta belas condições de moradia, é uma casa grande, o aluno dispõe de um quarto só para si, apesar do aluno ser adotado existe uma bela aceitação da família em relação ao aluno, mesmo sendo autista os outros irmãos levam-no para suas casas e tem uma boa aceitação.

## **6 ÂMBITO ESCOLAR: ESCOLA ESPECIAL UM PASSO DIFERENTE APAE DE TOCANTINÓPOLIS.**

A escola Especial Um Passo Diferente – APAE de Tocantinópolis é uma escola própria para pessoas com deficiência, e tem como alvo atender a todos para que tenham acesso à educação, saúde, lazer, esporte, cultura e trabalho, enfim, uma condição de vida feliz como cidadão atuante e agente modificador do processo social.

Trabalhar a educação especial, prevenindo, socializando, integrando e incluindo as pessoas com deficiências intelectual e múltiplas na sociedade, com objetivo de desenvolver suas habilidades e capacidades, para serem independente e autônomo.

A escola atende e acolhe os deficientes, onde se encontra adaptada com rampas e a cada dia vem buscando melhorar seu trabalho com o objetivo de proporcionar o desenvolvimento dos alunos com necessidades educacionais especiais visando sua interação, onde as atividades pedagógicas são desenvolvidas por profissionais capacitados, desenvolvendo um procedimento metodológico diferenciado, apoiados em materiais didáticos específicos e concretos.

Criada em 16 de fevereiro de 2000, a escola completou seus 21 anos de trajetória, tem como ponto de partida desenvolver a socialização da família apaeana no âmbito social, procurando sempre participar dos eventos e comemorações da nossa cidade, buscando realizar um trabalho de qualidade e interação com total respeito aos nossos alunos.

A APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Tocantinópolis sempre esteve localizada a Rua Nova, nº 184 Bairro Céu Azul. iniciou seus trabalhos em 2000 com 10 alunos atendidos por professores voluntários. Hoje contamos com 89 alunos regularmente matriculados que frequentam a sala de aula e 09 de visitas domiciliar. Com o crescimento da demanda, aceitação, confiança e credibilidade junto à comunidade Tocantinopolina atualmente são 39 servidores, que desenvolvem um trabalho sério cultivando as pessoas com deficiência intelectual e múltiplas juntamente com os seus familiares.

A Escola atende nos períodos matutino e vespertino e desde a sua criação funciona em um prédio cedido pela Diretoria Regional de Ensino, prédio este que não possui estrutura suficiente para o atendimento. Atualmente atende 05 tipos de deficiências, como o autismo, deficiências múltiplas, deficiência intelectual, deficiência auditiva e síndrome de Down. A equipe escolar sonha com um prédio mais amplo, pelo fato de serem poucas as salas de aula, apenas com 3 salas subdivididas em 8 por meio de divisórias, ou seja, temos que dividir a sala de aula com outras turmas, como por exemplo, na sala que trabalho com meu aluno que é autista

severo tenho que dividir com mais duas turmas de 5 alunos, onde tem cadeirante e outros autistas que precisam de um espaço mais amplo. Sem contar que temos apenas um banheiro masculino e um feminino para dividir com funcionários e alunos.

Com isso, a escola tem procurado se adequar às necessidades da clientela a fim de garantir uma educação regulada na criatividade, curiosidade, afetividade, qualidade e busca de um constante aprimoramento do potencial de cada um, oferecendo diferentes formas de ensino dentre elas a tapeçaria, artesanato, caminhada fora da escola, artes e etc. Também trabalhamos com projetos e ações visando uma aprendizagem mais prazerosa, estabelecendo uma relação da arte com a sensibilidade, proporcionando assim uma vida mais feliz.

O trabalho da Escola Especial “Um Passo Diferente” - APAE de Tocantinópolis, tem o compromisso de valorizar as potencialidades e as necessidades individuais dos alunos, abraçando ações positivas que surgem das conquistas que muitas vezes impressiona, e que torna possível o desenvolvimento das capacidades da pessoa com deficiência, resgatando a autoestima e melhorando a qualidade de vida.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante destas evidências, podemos perceber que o processo de formação e experiência se relacionam e formam um conjunto de aprendizagem que nos motiva a explorar detalhes dos caminhos percorridos, e por meio da narrativa da trajetória pessoal e profissional, pode se identificar e refletir sobre o que contribui para a sua formação.

A metodologia das histórias de vida e as abordagens biográficas permite compreender o valioso instrumento de investigação dos processos formativos, e pensando em minha relação enquanto profissional com o meu aluno, posso refletir acerca de como contribuiu para a minha formação acadêmica para que eu pudesse hoje me mover com clareza na minha prática, me aprofundando na docência e me deixando cada vez mais apaixonada pelo ato de educar.

Por meio da convivência com Ney pude perceber que, assim como qualquer outra pessoa, ele gosta de atenção, carinho e aconchego e através do seu olhar e comportamento podemos notar seus sentimentos que faz com que possamos ter atitude para estar lhe ajudando na sua rotina diária. Também posso destacar que todas as pessoas com autismo são diferentes umas das outras mesmos tendo a mesma classificação, não é porque “conheço” Ney que posso dizer que conheço todos as pessoas com autismo severo, pois cada um tem suas potencialidades e jeito de ser, cada um tem uma forma diferente de agir e interpretar seu contexto.

Confesso que mesmo depois de muitas leituras sobre o tema autismo demorei um bom tempo até compreender os comportamentos de meu aluno, no entanto somente após um certo tempo de convivência aplicando as dicas e orientações dada por algumas pessoas já atuantes na área e pelos estudiosos é que consegui identificar suas vontades e assim interagir com ele.

No entanto, esses relatos contribuíram para a minha formação docente de forma que me incentivaram a perceber que a vida é um espaço de saberes. Onde pude dar valor não somente no resultado de certas coisas, mas, em toda trajetória percorrida a qual está inserido os acontecimentos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Carla Juliana Galvão; CALSA, Geiva Carolina e MORELI, Luciléia de Souza. Narrativas biográficas: a formação docente do ponto de vista do aprendente. Constr. psicopedag. [online]. 2015, vol.23, n.24, pp. 77-89. ISSN 1415-6954.

BUENO, B. O. **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, jan. /Jun. 2002 Disponível em <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos\\_de\\_comunicacao/EDP/EDP28N1/EDP28N1\\_01.PDF](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos_de_comunicacao/EDP/EDP28N1/EDP28N1_01.PDF)>

BOETTGER, A. R. S. LOURENÇO. A. C. CAPELLINI. V. L. M. F. **O professor da Educação Especial e o processo de ensino-aprendizagem de alunos com autismo**. Santa Maria, 2013. Revista Educação Especial | v. 26 | n. 46 | p. 385-400 | maio/ago. 2013 Santa Maria Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>

BRANDE. C. A., ZANFELICE. C. C. **A inclusão escolar de um aluno com autismo: diferentes tempos de escuta, intervenção e aprendizagens**. Rio Claro – São Paulo, Rev. Educ. Espec. Santa Maria, v. 25, n. 42, p. 43-56, jan. /Abr. 2012 Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>

BRASÍLIA/MEC. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, 2008.

FREITAS, A. B. M. **A mediação lúdica no espectro autista: uma possibilidade comunicativa e de intervenção psicopedagógica**. Santa Maria, 2009. Revista “Educação Especial” v. 22, n. 33, p. 41-58, jan./abr. 2009, Santa Maria Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>

FREITAS.C. R. **Philip dos civilizados, o selvagem da selva de Pedra**. Santa Maria, 2014. Revista Educação Especial | v. 27 | n. 49 | p. 431-446| maio/ago. 2014 Santa Maria Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>

ISCHKANIAN, S. H. D. **Frases sobre autismo**. Disponível em: <[https://www.google.com/search?q=frases+sobre+autismo&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjtkayK0qLhAhUuDrkGHYk9DoEQ\\_AUIDigB&biw=1366&bih=657#imgrc=nLpIbsZgbBt\\_rM:>](https://www.google.com/search?q=frases+sobre+autismo&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjtkayK0qLhAhUuDrkGHYk9DoEQ_AUIDigB&biw=1366&bih=657#imgrc=nLpIbsZgbBt_rM:>)>

ISCHKANIAN, S. H. D. **Frases sobre autismo**. Disponível em: <[https://www.google.com/search?q=frases+sobre+autismo&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjtkayK0qLhAhUuDrkGHYk9DoEQ\\_AUIDigB&biw=1366&bih=657#imgrc=o6yzLzgGavZDcM:>](https://www.google.com/search?q=frases+sobre+autismo&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjtkayK0qLhAhUuDrkGHYk9DoEQ_AUIDigB&biw=1366&bih=657#imgrc=o6yzLzgGavZDcM:>)>

RANCIERE, J. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte, 2015.

PADILHA, A.M. **Práticas pedagógicas na educação especial: a capacidade de significar o mundo e a inserção cultural do deficiente mental**. Campinas: Autores Associados, 2001.

LARROSA, Jorge. “Notas sobre a experiência e o saber experiência”. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, pp. 20-8, jan.-fev.-mar.-abr. 2002.

LOPES, Bruna Alves. **Autismo, Narrativas e Ativismo dos Anos 1970 a 2008**. Rev. Bras. Ed. Esp., Bauru, v.26, n.3, p.511-526, Jul.-Set., 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-54702020v26e0169>. Acesso em: 30 out. 2020.

SILVA, R.C. Experiências de invenção e formação: uma intervenção outra (com) crianças no Transtorno do Espectro Autista. In: RIBETTO, A., org. Professores formados na FFP/UERJ e inclusão: entre políticas, práticas e poéticas (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, pp. 107-128.